

REPÚBLICA

RÉPUBLIQUE



PORTUGUESA

PORTUGAISE

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

MINISTÈRE DE L'AGRICULTURE

DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS PECUÁRIOS

DIRECTION GÉNÉRALE DES SERVICES VÉTÉRINAIRES

3.ª REPARTIÇÃO

3º BUREAU

Estação Zootécnica Nacional
BIBLIOTECA
N.º 49
Entrado em / / 19

1939

N.º 4

ANO VII

ANNÉE VII

BOLETIM PECUÁRIO

BULLETIN VÉTÉRINAIRE

~~Estação Zootécnica Nacional
BIBLIOTECA
N.º 1725
Entrado em / / 19~~

SUMÁRIO

SOMMAIRE

- O CAVALO ANDALUZ DE PERFIL RECTO E TIPO ORIENTAL — *Le cheval andalou de profil droit et de type oriental* — RUI DE ANDRADE 379
- A ANEMIA INFECCIOSA DO CAVALO EXISTE EM PORTUGAL? — *L'anémie infectieuse du cheval existe-t-elle au Portugal?* — EUGÉNIO TROPA 407
- ANEXAÇÃO DA QUINTA DA MITRA À ESTAÇÃO DE FOMENTO PECUÁRIO DE LISBOA — *Annexion de la «Quinta da Mitra» à la «Estação de Fomento Pecuário de Lisboa»* — J. TIAGO FERREIRA, J. CANAS SILVESTRE DA SILVA, A. E. FRANÇA E SILVA 417

O cavalo andaluz de perfil recto e tipo oriental

Nos estudos que, há anos, estou fazendo, tem-se-me deparado um problema que ainda não deslindei e muito me tem dado que pensar.

O cavalo andaluz apresenta caracteres que o fizeram classificar como uma aglomeração heterogénea de animais do tipo africano, do tipo oriental e do tipo germânico. É esta pelo menos a opinião de Sanson e de todos os que em Sanson se têm inspirado.

A razão desta maneira de encarar o cavalo andaluz é existirem em Espanha animais com caracteres cefálicos que se aproximam daqueles tipos, estandardizados por Sanson. E tanto êste autor como os seus sequazes justificam esta opinião com argumentos históricos: — introdução de cavalos africanos pelos cartagineses e pelos romanos; de cavalos germânicos trazidos pelos invasores bárbaros; de cavalos berberes vindos com as invasões mouriscas; nova introdução de cavalos germânicos importados por Carlos III no século XVII; importações de cavalos orientais em várias épocas.

A grande questão é a existência de cavalos de cabeça acarneirada, embora os puristas modernos queiram que o cavalo andaluz tivesse cabeça de perfil recto.

* * *

Vamos observar um pouco como se constitui a população eqüina da Península. Ou os achados ósseos arqueológicos são escassos ou eu não os conheço; há alguns do paleolítico, mas muito interessante seria conhecerem-se os dos períodos mais antigos — do início do quaternário ou fim do terciário, do pliocénio e post-pliocénio.

Do paleolítico propriamente dito nada conheço dos períodos mais antigos; só do fim do médio e do último, quando se passa ao neolítico. As caveiras, quasi todos os desenhos das cavernas e quasi todos os dentes encontrados levam-me à conclusão de que a Península era nessa época habitada na sua maior parte por cavalos do tipo

garrano, cujos caracteres cefálicos, dentários e somáticos vímos em trabalhos precedentes.

Mas alguns dentes (molares inferiores) da colecção do Museu dos Serviços Geológicos do Ministério das Obras Públicas (Portugal) apresentam uma dobra ectostílica dos *E. C. Libycus* e alguns desenhos paleolíticos das cavernas da região de Málaga mostram cavalos de perfil nitidamente convexo, principalmente na parte inferior da cabeça.

Entre as imagens dos vasos do Levante, de inspiração grega pela decoração mas de feitura hespanhola pelas figuras, entre as estátuas votivas de Jaen e da serra Morena, entre as imagens das moedas do tipo ibérico, notam-se cavalos de perfil convexo.

Êstes factos, que se alongam por um período que do paleolítico vem até ao da era cristã, levam-me a admitir a hipótese de que o tipo de cavalo chamado líbico por Ridgeway, coexiste na Península com o do tipo céltico há muitos milhares de anos, especialmente na região do sul.

Não tenho elementos para prová-lo, mas estou convicto de não errar afirmando que êste tipo deve ter a mesma origem que o cavalo do norte de África, que se convencionou chamar berbere, sendo até provável que exista na região perimediterrânica desde o período bastante quente que precedeu a última glaciação wurmiana. A sua existência nesta região é da mesma natureza que a do veado na África Menor e na Península; que a do boi do tipo ibérico nos dois lados do Mediterrâneo; que a das várias *capras* e *ibex* e a de alguns antílopes, do porco espinho, dos símios de Gibraltár e da África do Norte, dos coelhos, do javali, do muflão, talvez do avestruz, do burro, da cabra doméstica, do homem mediterrânico e da sua civilização chelense; etc., etc..

Quer dizer, uma fauna de região temperada ou um pouco quente, como na actualidade.

Esta zona ocupava a Península até ao centro (ou talvez só até à serra Morena) e a África até ao actual Sahara, que nessa época talvez fôsse um mar pouco fundo a separar a África Menor da África verdadeira.

Estou fazendo um estudo sôbre a reconstituição dum tipo que julgo base dêste grupo cabalino, e a seu tempo voltarei ao assunto, se os elementos colhidos fôrem concludentes.

Da serra Morena para o norte, a Península, em épocas também paleolíticas, e desde tempos mais antigos que os supracitados, foi ocupada por uma fauna de tipo mais nórdico, — cavalo do tipo celta, bisonte, em certas épocas a rena ou rangífer, o mamute, mesmo o rinoceronte tricorrino, vários carnívoros das regiões frias, o castor, focas, marmotas, etc., etc., e civilização aurinhacense, magdalenienense.

Destas épocas tão antigas desapareceram muitas espécies animais, mas nas duas zonas ibéricas subsistiram dois grupos cabalinos, distintos um do outro, cujos representantes se confinaram na sua região própria; e ainda que entre ambos existisse uma extensa fronteira comum que por razões de ordem climática e histórica foi transposta repetidas vêzes e em tempos diversos, isso não impediu que os dois agrupamentos se conservassem separados nos seus grandes núcleos. Um, de regiões frias e úmidas, próximas do mar e de pastos verdes, é raça que vive em zonas arborizadas e de montanhas, portanto não obrigada a comer sempre ao nível dos pés. O outro,

que prefere zonas planas, espaços abertos, clima quente e sêco, luz e sol, pasta muito baixo e come pasto muito duro: é camarada do burro.

Do modo de vida depende provavelmente a forma dos dentes e a inclinação céfalica; a cabeça inclinada favorece comer baixo, rente ao chão, e os dentes com pliacaturas e estreitos facilitam comer sêco, mastigar forragens duras.

Estas duas raças vivem e desenvolveram-se separadas durante muitos milhares de anos e, enquanto o homem as não domesticou, natural é que se não misturassem.

Desde a domesticação, o cavalo do norte conservou-se quasi intacto; o cavalo do sul, pelo contrario, teve de suportar muitas interferências. Com efeito, o norte da Ibéria ficou muitas vezes fora dos grandes movimentos históricos e das invasões (veja-se a pureza das raças de homens do norte da Península), enquanto que o sul, em contacto com os povos do Mediterrâneo desde tempos muito antigos, foi atravessado pelas correntes migratórias e pelas invasões que da Europa passaram à África ou da África entraram na Europa.

No seu desenvolvimento as civilizações do norte da Península tiveram carácter autóctono; as do sul ressentiram-se muitas vezes dos contactos estranhos.

Por estas razões, enquanto é fácil descortinar o tipo ancestral dos garranos do norte, difficil se torna adivinhar o *substractum* dos cabalinos do sul.

Quando começaria êsse grupo a sofrer essas interferências perturbadoras?

Admitamos que os períodos da pedra encontrassem o cavalo no seu estado bravo, puro nos seus tipos. Se a domesticidade se iniciou no fim do paleolítico ou no neolítico, provável é que os cruzamentos estranhos se não iniciassem senão quando o cavalo, de animal explorado pela carne e pelo leite (como fazem ainda os mongóis), começasse também a ser animal de transporte e de guerra, quer dizer, na época histórica (não a história ibérica, mas a contemporaneidade com a história egípcio-oriental). É nesse período que ocorrem as grandes invasões celtas (século VIII a. C.).

No que toca em particular ao nosso assunto, apenas sei que nas tumbas da época do ferro aparecem já ferraduras eqüinas.

Seria o uso da ferradura (celta ou ibérica) a causa do antiqüissimo, inextinto renome do cavalo ibérico?

Os celtas, oriundos do norte da Europa, trariam consigo cavalos nórdicos? A sua influência sobre a população cavalar seria grande? Seriam os seus cavalos de tipo nórdico ou de tipo estépico russo? Difficil é dizê-lo, porque as caveiras dos dois grupos são muito semelhantes.

Os celtas ocuparam o centro da Hespanha e desceram pelos grandes rios (Douro, Tejo, Guadiana e mesmo o Ebro) até ao mar; ao alcançarem o extremo sul, chegaram já exaustos. A sua acção sobre os cavalitos do norte foi certamente insignificante e sobre os do sul também; talvez alguma tivessem nos do centro — os cavalos castelhanos.

* * *

Temos de fazer aqui um parêntesis.

Muita gente supõe que, quando se verifica uma invasão, as raças invasoras subs-

tituem as raças autóctonas, mas esta idéia, consoante a observação atesta e os factos confirmam, está longe de exacta na maior parte das vêzes.

Na Hespanha os cartagineses tiveram larga influência, mas não substituíram a população preexistente, porque os seus exércitos não traziam senão um número insignificante de autênticos cartagineses (fenícios). Êstes, que vieram à Hespanha para a ocuparem, negociarem e levantar tropas contra os gregos da Sicília e contra os romanos¹, poucas mulheres trariam consigo. Para a ocupação serviram-se de mercenários do país, atirando os de uma região contra a outra, e utilizaram as mulheres indígenas, que continuaram portanto a predominar acentuadamente no grosso da população.

Os romanos dominaram a Hespanha, impuseram as suas leis, mas não substituíram as populações que a habitavam.

Os bárbaros invadiram a Península e substituíram as classes dirigentes, mas a população não se transformou de hispânica em goda. Só a nobreza ficou influenciada, em parte, por essa invasão; outra parte modificou-se por sobreposições medievais nórdicas (e do norte de Hespanha), reforçando assim êsse tipo nórdico, mas a grande massa da população continuou e manteve-se invariável.

Os mouros, que invadiram tôda a Hespanha, influíram só no sul, onde provavelmente as populações eram já da mesma origem, circunstância que torna difícil descobrir a sua acção.

Fora da Península há outros exemplos do que afirmo.

Os turcos, que ocuparam a Sérvia e a Bulgária, quasi destruíram a população, que depois tornou a reconstituir-se e, mesmo no tempo dos invasores, continuou sérvia e búlgara, mas não turca.

Os judeus resistiram na Palestina a tôdas as deportações, chacinas e violências.

Os arménios representam um núcleo antiqüíssimo; sujeitos a tôdas as torturas, a todos os massacres, a tôdas as invasões, continuam a constituir grupos sangüíneos dos mais puros e são tão antigos, que em certo tempo formaram a base dos grandes povos mesopotâmicos na mais alta antigüidade.

Os núcleos étnicos formam-se, aglomeram-se, agarram-se ao solo de certas regiões e, quando têm certos caracteres, tornam-se impenetráveis, indestrutíveis, como que renascem das próprias cinzas. É que os afluxos raciais dos adventícios ficam submergidos com a repetição constante das fôrças locais, que no decorrer do tempo acabam naturalmente por predominar.

Um exemplo :

Um povo de um milhão de habitantes é invadido por 20.000 estranhos (proporção verificada muitas vêzes).

Admitamos que no momento da invasão estes hajam exterminado um quarto da população masculina, o que já é uma proporção enorme, pois a ninguém convirá ocupar uma região deserta de trabalhadores, de escravos; sendo natural que a quasi totalidade dos individuos sacrificados fôsse constituída por homens válidos, escapariam tôdas as fêmeas. Ficam assim 500.000 fêmeas e 250.000 homens.

¹ Ruy d'Andrade. *Primeiras Relações dos Gregos, Cartagineses e Romanos com as populações ibéricas*. Sep. do Vol. III dos *Trabalhos dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa, 1938.

Os invasores geralmente não eram todos homens, mas aceitemos que fôsem quasi todos, 15.000 por hipótese.

Na população futura ficam 15.000 varões estranhos e 250.000 nativos a reproduzirem-se com as 500.000 fêmeas autóctonas; logo no início haverá 15.000 meios sangues contra 250.000 nacionais, com a diferença dos primeiros serem meios sangues e os segundos puros e no seu meio próprio.

A raça cruzante não se renova, atoga-se pouco a pouco no elemento local, que no fim de duas ou três gerações acabará fatalmente por ter acentuada predominância, salvo se, por razões de castas, como aconteceu nas raças nobres feudais, ela se mantiver isolada e pura.

Foi isto que de facto succedeu em toda a parte com a nobreza medieval, mas por esta razão ela mesmo se condena a não difundir-se, a não se generalizar. A ascendência de qualquer ser alarga-se de tal forma que, sendo os da

1. ^a geração	2 genitores
2. ^a »	4 »
3. ^a »	8 »
4. ^a »	16 »
5. ^a »	32 »
6. ^a »	64 »
8. ^a »	256 »
9. ^a »	512 »
10. ^a »	1.024 »
20. ^a »	1.048.576 »
40. ^a »	362.071.627.776 »

no fim de 1.000 anos, ou de 40 gerações, o que pode ficar de um elemento espúrio introduzido numa raça é a 362 bilionésima parte. Nada.

Eis a razão por que é inútil um cruzamento não seguido de segregação, e também por que a produção cruzada desaparece quando abandonada no seio de uma população pura.

Sabe-se, além disto, que as probabilidades de um animal se transmitir puro são reguladas por leis matemáticas conhecidas, estudadas por Mendel, quando se trata de um único e determinado carácter, e que as coisas se complicam e agravam sempre em sentido contrário ao intruso, quando se encaram caracteres múltiplos, como acontece nos seres superiores, muito complexos e fora do seu ambiente próprio.

Por consequência, os cruzamentos esporádicos, antigos, devemos considerá-los desaparecidos por absorpção.

* * *

Voltando ao assunto:

Julgo que os cavalos do sul da Península podiam considerar-se ainda puros quando os cartagineses, e depois os romanos, começaram a influir na Hespanha, mas nesse tempo já os cavalitos tinham perfis rectos e perfis convexos, como vemos pelos documentos gráficos aqui juntos.

Os romanos consideravam os cavalos da Península muito bons e a cavalaria hespanhola tão boa como a núnida; Aníbal utiliza uma e outra indiferentemente e Tito Lívio diz que eram ambas da mesma qualidade. No exército de Aníbal a núnida era mais numerosa, mas havia uma razão para isso; o caudilho cartaginês, para evitar sublevações em Hespanha ou em África, destacou cavalaria hespanhola para a África e mandou vir para a Península a africana. Os cartagineses, raça semítica, eram intrusos em África e na Hespanha.

Os romanos conseguiram atrair a si a cavalaria hespanhola que Aníbal tinha levado para a Itália e no dia em que o general púnico chegou à vista de Roma (à ponte Mílvio), os cavaleiros hespanhoi, que estavam do outro lado de Roma, atravessando a cidade a galope para acudir contra o cartaginês, alvoraçaram a cidade, que num momento se julgou invadida.

Os romanos tinham os cavalos hespanhoi por tão bons, que os levaram para os seus jogos e os procuravam para melhorarem com êles as suas raças; deslocaram-nos por conseguinte para cruzar, não os cruzaram. Sabemos que os introduziram na Itália, na Inglaterra e noutros países.

Durante o período romano os cavalos hespanhoi conservam o tipo que nos mostram as moedas ibéricas; veja-se a estátua de Marco Aurélio e o seu triunfo.

Mais tarde succede a invasão mahometana. Entram os muçulmanos com Tárique, primeiramente, e com Muça, quási a seguir; os invasores, em número de 12 a 20 mil nas duas vêzes, eram todos mouros menos doze chefes árabes. Seguramente quási todos montam cavalos berberes, porque durando havia já oitenta anos a invasão árabe na África do Norte, com batalhas numerosas e muito renhidas, nenhum dos cavalos da Árabia deveria ter chegado a Marrocos, tanto mais que os árabes (a não ser os chefes) não passaram da Árabia a Marrocos, mas expulsaram sucessivamente as populações da costa africana, empurrando-as para ocidente. Os invasores vindos da Árabia conquistaram o Egipto; os não muçulmanos do Egipto ocuparam por sua vez a Tripolitânia; os tripolitanos penetraram na Tunísia; os tunisinos escorraçaram os povos da Argélia, onde então havia vários estados; êstes últimos introduziram-se em Marrocos.

De resto, os invasores achavam os cavalos berberes tão bons ou melhores do que os árabes para a guerra; e tanto assim que, mudado o sistema de combate, deixaram de usar éguas, como era costume dos árabes, e passaram a empregar os cavalos, como era hábito dos mouros.

Temos, pois, de tomar como certo, que à Hespanha passaram cavalos berberes e só por excepção algum árabe.

Demais os árabes acharam os cavalos da Hespanha (Andaluzia) melhores do que os seus e muito maiores, segundo a crónica de Tarif¹.

Durante o domínio muçulmano em Hespanha as várias dinastias foram tôdas berberes, menos a dos Omíadas, que eram árabes, mas a invasão mahometana fêz-se também com elementos mouros, pois partiu de Marrocos e Argélia, e o primeiro príncipe omíada, Abde Arrahmane, nascido em 734, foragido da Árabia, onde o queriam matar, e refugiado em África entre a tribo dos Zenetas (Nafza), onde tinha pa-

¹ *História de la Conquista de España por Abulcacim Tariff Abentariq, traducida por Miguel de Luna da edição inglesa de 1687.*

rentes por sua mãe, só veio a reinar na Península meio século depois dos mahometanos a terem invadido (755-787).

Neste período é também natural que houvesse alguma importação de cavalos árabes; por exemplo, Arrumi Arraxide (765-809) mandou uma embaixada ao rei de Leão em que vinha um presente de cavalos de Bagdad (doze se bem me parece).

Depois do século XII começa a decadência dos principados muçulmanos, a quem, quando socorridos, as ajudas só vêm de Marrocos; isto, note-se bem, até ao fim.

Pequena deve ter sido por conseguinte a introdução de sangue hípico árabe na Hespanha mourisca, como pequena foi em Marrocos.

O cavalo berbere da Tripolitânia, da Tunísia, da Argélia e de Marrocos é de origem diversa da do cavalo árabe, que dêste só tarde recebeu interferência, primeiramente no século XIII com a invasão dos árabes Sanhadjas, que possuíam muitos camelos mas poucos cavalos, e muito mais tarde com a ocupação dos franceses no século XIX.

Durante os séculos da reconquista o cavalo árabe é animal desconhecido na Península; ninguém teria mesmo pensado em o introduzir ou cruzar com as raças peninsulares. De facto, o cavalo árabe é um cavalo de algara (*raid*) que não cavalo de combate. Os antigos cavaleiros não suportavam o seu equilíbrio nem a sua bôca, que achavam sêca e ardente; difícil de parar, que fugia quando muito apoquentado, irritável, máu à espora e, além disto, pequeno. Quando não usavam, como em África e em Hespanha, cavalos nossos ou berberes em que combatiam armados de leve armadura ou de malha, procuravam cavalos corpulentos, que suportassem as armas brancas, as armaduras de chapa de aço, cavalos do norte; além disto, como o cavalo hespanhol era o melhor daqueles tempos, não tinham vantagem nenhuma em o cruzar. E para quê, fazer cavalos piores que os outros?

Não! Nunca!

Os cavalos espanhois só começaram a ser cruzados no reinado de Fernando o Católico, que era aragonês, e educado à francesa provavelmente; depois no tempo de Carlos V, que era borgonhão, e de Filipe II, educado à alemã. Mais tarde, quando os cavalos de tiro se tornaram necessários para coches e trens de artilharia, vieram também cavalos da Flandres e da Dinamarca para cruzamentos, que depois continuaram. Já existia, portanto, o cavalo de perfil acarneirado, tanto de origem peninsular como de cruzamentos antigos, quando Filipe III com o seu cavaliço Tinti introduziu cavalos napolitanos¹, aos quais se não pode atribuir exclusivamente a res-

¹ Do livro *Las Instituciones Hípicas y el Fomento de la Ganaderia Caballar en todos los Estados* por José Garcia de la Concha y Otermin, Teniente Coronel do Estado Mayor — Talleres del Deposito de la Guerra, 1926 — extratamos por cópia o seguinte:

Pág. 505 — El mismo Rey Felipe III, en 1600, entregó la dirección de la Yeguada Real, que existia en Córdoba, al napolitano Jerónimo Tinti, que cometió la torpeza de cubrir las yeguas andaluzas con sementales napolitanos, normandos, holandeses y daneses, para producir caballos grandes de coche. Fué él primero que introdujo en España, con los caballos de esos tipos, las cabezas acarneradas.

Pág. 509 — Bajo el floreciente reinado de Carlos III se publicó una adicción a la ordenanza de Fernando VI en 25 de abril de 1775... Carlos III, el gran rey que fomentó todos los ramos de la riqueza pública, incurrió en el mismo error que su antecesor, Felipe III, disponiendo, para mejorar las yegudas reales de Aranjuez y de Córdoba, la importación de los caballos bastos, linfáticos y de perfil acarne-

ponsabilidade das cabeças acarneiradas (cabeça abaúlada); seguiram-se depois outros reis, que eram de origem francesa, como Filipe IV e Fernando VI, no tempo dos quais também a Espanha importou cavalos napolitanos, alemães e normandos para o mesmo fim.

Depois de Napoleão começou o gôsto pelos cavalos orientais.

Os ingleses, com a sua paixão pelas corridas, nascida provavelmente das provas de corrida dos cavalos espanhóis e dos corredores berberes de Mântua no tempo de Henrique VIII e da Rainha Isabel, começaram a importar de várias regiões os cavalos corredores. Depois dos de Mântua, os espanhóis de Carlos I e, principalmente, os de Carlos II, espanhóis e marroquinos porque êste último tinha vivido exilado na côrte de Espanha e recebeu Tânger em dote pelo casamento com D. Catarina de Bragança. Logo a seguir cavalos turcos; e no fim de 1600 e comêço de 1700 cavalos orientais e árabes.

Na Península os cavalos árabes são conhecidos desde a campanha de Carlos V contra Argel e contra Tunes, mas só passaram a empregar-se como reprodutores no tempo de Isabel II, no segundo quarto do século XIX e mais tarde.

Até então o cavalo árabe não tinha praticamente entrado em Espanha; e mesmo mais tarde o reprodutor árabe só aparece quando o ministério da guerra toma directamente em mão o serviço de remontas, já no século XIX.

* * *

Ora o cavalo espanhol de perfil recto é evidente, como vimos, nas pinturas das cavernas, na cerâmica, nas estatuetas, nas moedas, em muitos monumentos e pinturas pelos séculos fora.

Devemos portanto concluir que sempre existiu; mas então, se o cavalo espanhol de perfil recto sempre existiu, de duas uma: ou é natural ou foi adquirido em tempos muito antigos, muito antes do cavalo árabe ter vindo à Península e, digo eu, muito antes do cavalo árabe existir, porquanto êste parece ser de origem bastante moderna (século VI), pelo menos com a forma que hoje lhe conhecemos.

E de resto, para afirmar que o perfil recto do cavalo espanhol vem do árabe, era necessário que só a raça árabe tivesse perfil recto, o que não é verdade; com perfil recto há muitas outras raças, principalmente tôdas as raças de garranos, e estes estiveram em contacto com o cavalo andaluz durante muitos milénios.

Ora tendo estas duas raças que se encontram na Península, uma fronteira comum de milhares de quilómetros; havendo zonas de infiltração dum tipo no outro, como são as zonas montanhosas entre planícies (serra Morena, serra de Guadarrama, mon-

rado, procedentes de Nápoles, de Normandia y de Dinamarca, cuya influencia, a pesar de los esfuerzos por borrarla, perdura hasta nuestros dias.

Referindo-se ao mesmo assunto, D. Alonso Carrillo Lasso, no seu livro *Caballeriza de Córdoba*, publicado em Córdoba em 1625 (Reimpressão do Marquês de Xerez de los Caballeros — Madrid 1895), diz a págs. 25:

Algunas Hacas ay razonables, rarissima la que es de servicio, perdida la fuerza y hermosura de su patria, sino llamamos hermosura lo que aquí, por no afrentar los Cavallos llama lindeza, siendo flaqueza y desproporcion, en lo qual consiste la fealdad. Algunos falsamente han calumniado a Juan Geronimo Tinti mi Antecesor, que mezclasse las Razas estrangeras con la Española: atrevese a hablar, como si oy no tuvieramos algo presente, por donde juzgar esto.

tes de Toledo, montes Universais, serra de Alberracin, serra Nevada e serra de Ronda); havendo ocorrido grandes oscilações no clima (recuo e avanço do glaciário); efectuando-se desde sempre migrações climáticas sazonais (transumância, pastorícia estival nos altos e hibernar nos baixos, etc.) e tendo havido tantas invasões guerreiras e políticas (invasões mouriscas e lutas da reconquista), não será mais fácil e mais lógico atribuir o perfil recto a estes permanentes contactos das duas raças do que a cruzamentos raros, salteados, irregulares, não firmemente continuados?

É bem mais natural adoptar este modo de ver do que admitir a intervenção de cavalos árabes de perfil recto para obter uma cabeça que não era desejada. De facto, a cabeça ligeiramente acarneirada existe representada em tôdas as épocas nas obras de arte hespanholas de todos os tempos, mas, além disso, temos uma confirmação de que este perfil é o produto desta união no facto seguinte:

Cristóvão Colombo levou para S. Domingos cavalos das marismas de San Lucar de Barrameda (Guadalquivir), os quais se espalharam dali por tôda a América, do norte, do centro e do sul. Passou-se isto no século XVI, quando o reprodutor árabe ainda não tinha entrado na Espanha, ainda não tinha influído no gado das marismas, que vivia completamente selvagem. Pois bem, os cavalos levados por Colombo, reproduzidos na América em regime de liberdade, originaram os cavalos *cimarrones*, cavalos selvagens que ainda hoje apresentam dois tipos — o de cabeça acarneirada e o de perfil recto — que os argentinos dizem, respectivamente, do tipo mongólico ou africano e do tipo oriental ou árabe, e que eu direi do tipo andaluz ou líbico e do tipo garrano ou céltico.

Quem terá razão?

* * *

Tôda a questão gira em tôrno de um ponto, o perfil da cabeça.

Vimos já ¹ que o árabe tem um perfil recto e que o garrano tem também perfil do mesmo feitio, mas aparentemente; num e noutro o perfil recto é formado de elementos bem distintos, fora outros caracteres diferenciados.

A cabeça óssea do cavalo árabe considerado mais puro, aquêlê que Lady Wentworth e Raswan afirmam ser o mais típico, já nós notámos que apresenta: ¹

Vista de perfil:

Cabeça triangular — bico aguçado

Maxila alta e de ângulo agudo

Linha occípito-incisiva cortando a órbita ao meio

Crânio e face na mesma linha, uma em continuação do outro

Base pouco inclinada

Crista occipital projectada

Perfil ondulado

Fronte convexa em todos os sentidos

¹ *Eléments pour une classification des équidés actuels, d'après leurs caractères craniologiques et dentaires*, par Ruy d'Andrade (Extrait du *Bul. de la Soc. Port. des Sc. Nat.*, T. XII, n.º 32-1937.

Vista de frente :

Fronte larga

Vista de trás :

Crista occipital tapando muito a fronte
Buraco occipital alto em relação aos côndilos
Dentes aproximando-se do *lybicus*.

Ao contrário, o garrano apresenta a cabeça óssea

Vista de perfil :

Cabeça rectangular — bico pouco aguçado
Maxila de larga curva
Linha occípito-incisiva cortando a órbita a mais de um terço
Órbita redonda mas de margem posterior cortada
Crânio inclinado em relação à face
Base pouco inclinada
Crista occipital retraída
Perfil recto (desde a fronte)
Fronte plana

Vista de frente :

Fronte medianamente larga

Vista de trás :

Crista occipital apenas ao nível da fronte
Buraco occipital apenas abaixo dos côndilos
Dentes típicos do *celticus*.

* * *

Observando as cabeças ósseas de cavalos andaluzes, ditos de perfil recto, mas não os que manifestam cruzas orientais recentes, se verificássemos

Vista de frente :

Cabeça rectangular — com bico grosso
Maxila baixa e de curva larga
Linha occípito-incisiva cortando pouco a órbita
esta com a margem cortada apesar de redonda

Crânio inclinado em relação à frente
Base inclinada
Crista occipital retraída
Perfil recto com a frente inclinada
Frente plana e pouco larga

Vista de trás :

Crista occipital deixando ver a frente
Buraco occipital baixo
Os dentes com alguns caracteres do *celticus*.

então deveríamos concluir que o perfil recto é devido ao cavalo garrano e não ao oriental.

Ora eu tenho observado *in vivo* vários cavalos espanhóis de perfil recto ficando com a impressão de que em muitos não é o árabe, mas o garrano que dá êste tipo, porque lhes falta a finura, porque na forma do corpo, no basto do pêlo e das crinas, no encabelado dos membros, há um não sei quê de indefinível, que não deriva do árabe nem do berbere.

Derivará, pois, do garrano ?

* * *

Êste um problema interessante de deslindar, que provàvelmente nunca eu terej elementos para estudar, mas que na Fonte-Boa, por exemplo, pode ser elucidado porque há muitos exemplares para comparar ; ou então, e ainda melhor, na Argentina, onde se encontram cavalos crioulos de perfil recto e de perfil convexo em largo número.

Eu estou, porém, convencido que o cavalo espanhol de perfil convexo tem uma origem e que o de perfil recto deriva da união antiga dêste tipo com animais do tipo garrano.

A origem dos dois tipos é diversa. O que são os garranos, já vimos noutro trabalho ; o que é o cavalo de perfil convexo, estudarei num trabalho que estou organizando.

Teremos assim os elementos indispensáveis para apreciar qual o fundo das raças cavallares da nossa Península e, conseqüentemente, uma base para estudar e sôbre ela decalcar a regeneração da nossa população eqüina.

Ruy d'Andrade

R É S U M É

L'Auteur, dans le présent travail cherche à réunir les éléments destinés à éclaircir la genèse du profil droit existant dans quelques chevaux andalous.

En Espagne, selon l'opinion de Sanson, il y a des chevaux dont les caractères les ont fait classer comme un composé hétérogène d'animaux des types africain, oriental et germanique.

Dans le courant du travail l'Auteur fait l'étude des invasions que la Péninsule eut à subir au cours des siècles et apprécie les influences limitées que pourraient avoir eu, sur la population équine, les races chevalines qui accompagnèrent les envahisseurs. L'antique existence du cheval espagnol, de profil droit, est évidente et peut être vérifiée, pour les siècles écoulés, par l'observation des peintures des cavernes, dans la céramique, dans les statuettes, dans les monnaies et en beaucoup de monuments et de peintures.

Pour ces raisons il est permis de conclure que le cheval de profil droit a toujours existé, dans la Péninsule, son origine restant à peine à éclaircir.

Celle-ci ne peut être attribuée à l'intervention du cheval arabe, attendu qu'il paraît être d'origine assez moderne (VI.^e siècle) et pour affirmer que le profil droit du cheval espagnol provient de l'arabe, il était nécessaire que seule la race arabe eût ce profil, ce qui n'est pas vrai ; il y a beaucoup de races avec le profil droit, principalement celles des *garranos* (petits chevaux) avec lesquels le cheval andalous fut en contact durant beaucoup plus de mille ans.

Ces races ont dans la Péninsule une frontière commune de milliers de kilomètres, avec des zones d'infiltration d'un type dans l'autre ; le profil droit doit donc s'attribuer aux contacts permanents des deux races et non aux résultats de croisements rares, irréguliers et sans continuité qui survinrent une fois ou l'autre avec des chevaux apportés par les envahisseurs.

La confirmation de ce que le profil droit est le produit de l'union précitée — *garranos* et chevaux espagnols — peut se déduire du fait suivant : Christophe Colomb transporta pour S. Domingos des chevaux des terrains marécageux de S. Lucas de Barrameda, qui se dispersèrent dans toute l'Amérique. Cela se passa au XVI.^e siècle, époque à laquelle le cheval arabe n'était pas encore entré en Espagne et pendant laquelle ce troupeau vivait à l'état sauvage.

Les chevaux transportés par Colomb se reproduisirent en régime de liberté et engendrèrent les chevaux *cimarrones* qui, aujourd'hui encore, présentent deux types — celui de tête moutonnaire et celui de profil droit — que les Argentins disent, respectivement, de type mongol ou africain et de type oriental ou arabe et que l'Auteur dit être de type andalous ou libyque et de type *garrano* ou celtique.

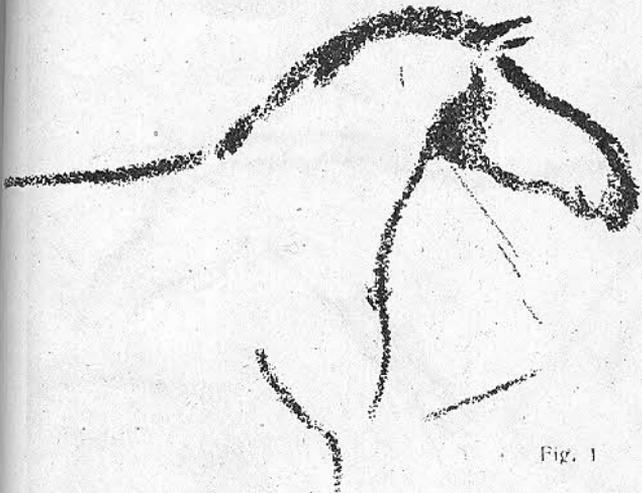


Fig. 1

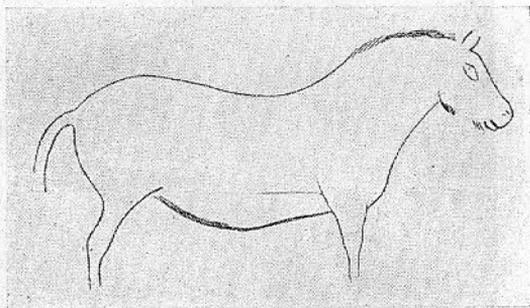


Fig. 5



Fig. 2

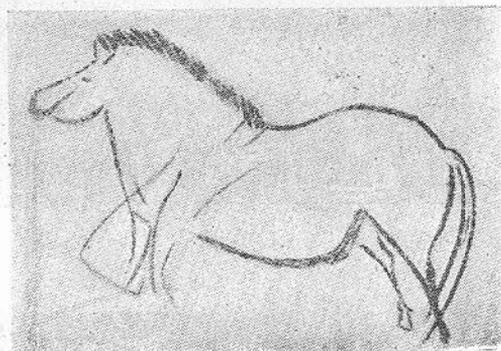


Fig. 6



Fig. 3

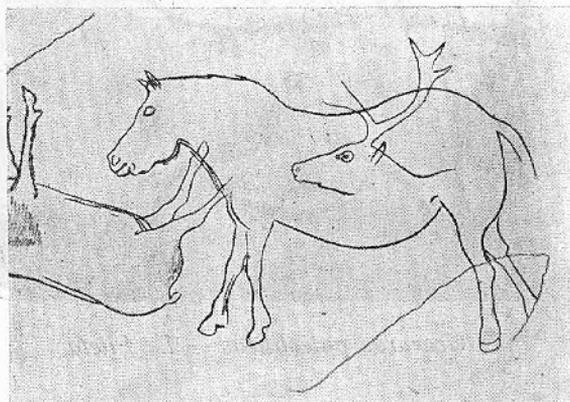


Fig. 7



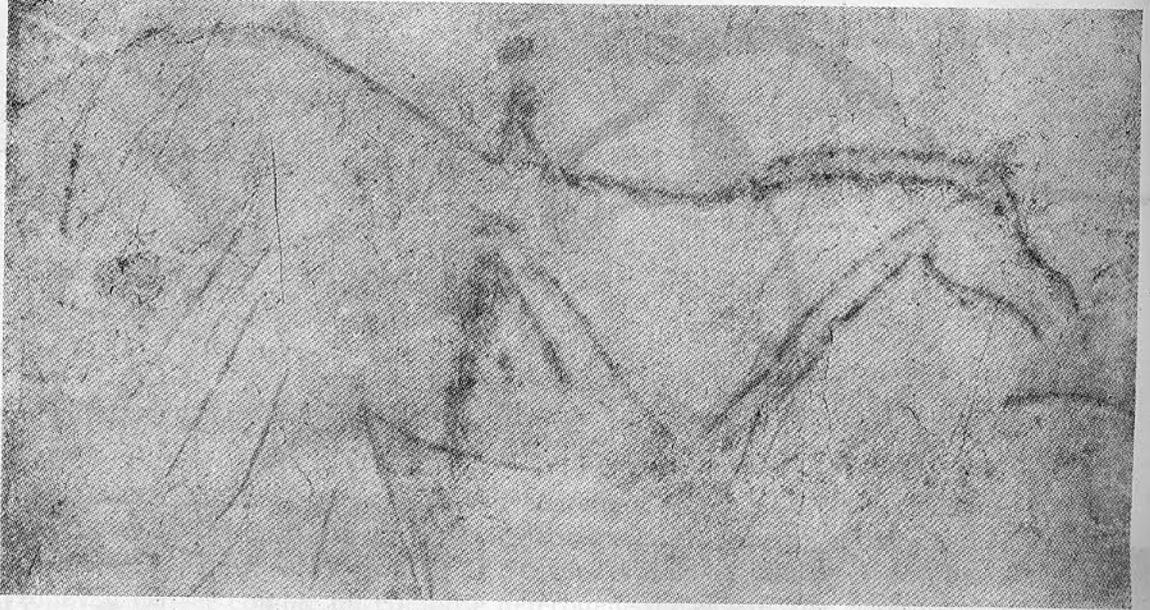
Fig. 4

- Fig. 1 — *La Pileta (Málaga)*
 » 2 — *La Pileta* »
 » 3 — *La Pileta* »
 » 4 — *La Pileta* »
 » 5 — *Gruta de Mairie (Dordonha)*
 » 6 — *Peña del Candamo (Astúrias)*
 » 7 — *Gruta de Mairie (Dordonha)*

PERFIS CONVEXOS

PERFIS RECTOS E CÔNCAVOS

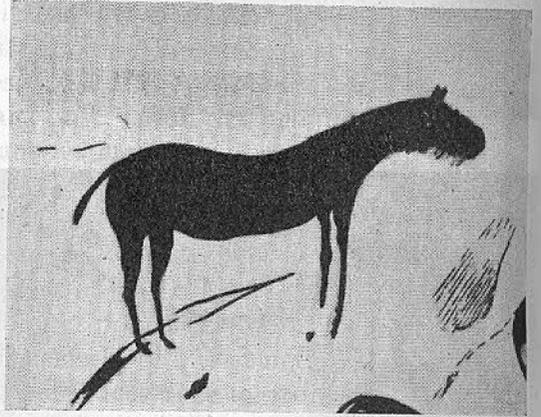
Gravuras paleolíticas, cuja data incerta remonta seguramente a muitas dezenas, possivelmente algumas centenas, de séculos



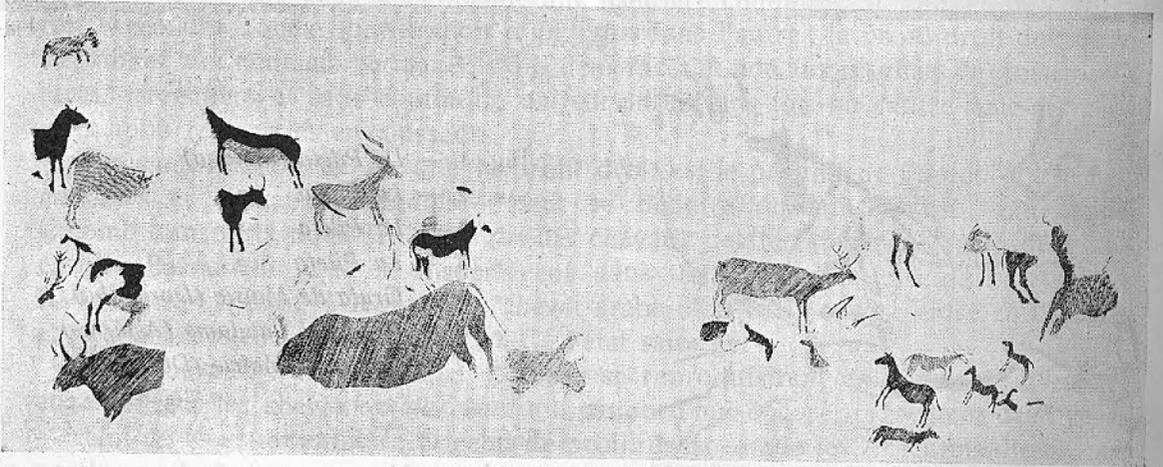
La Pileta



Gravuras paleolíticas — La Pileta

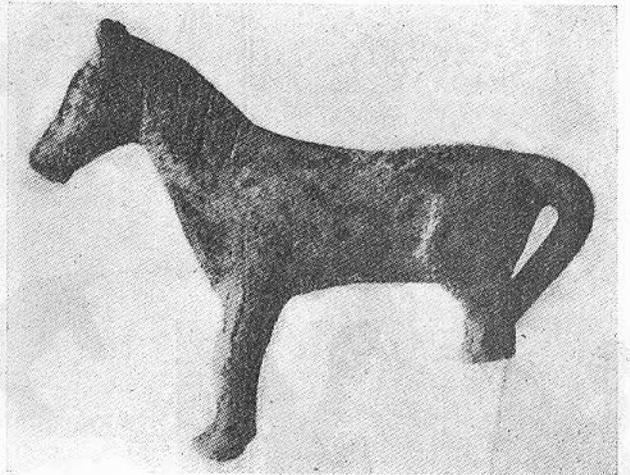
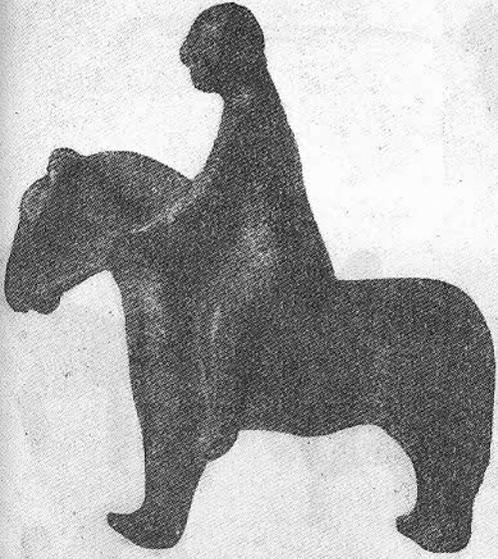


Cantos de la Visera — Albacete

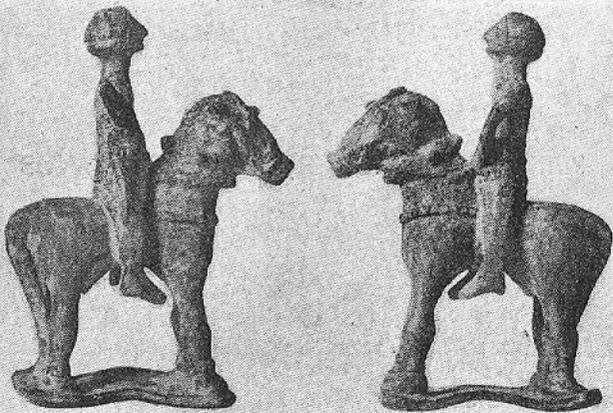


Cantos de la Visera — Albacete

PERFIS CONVEXOS

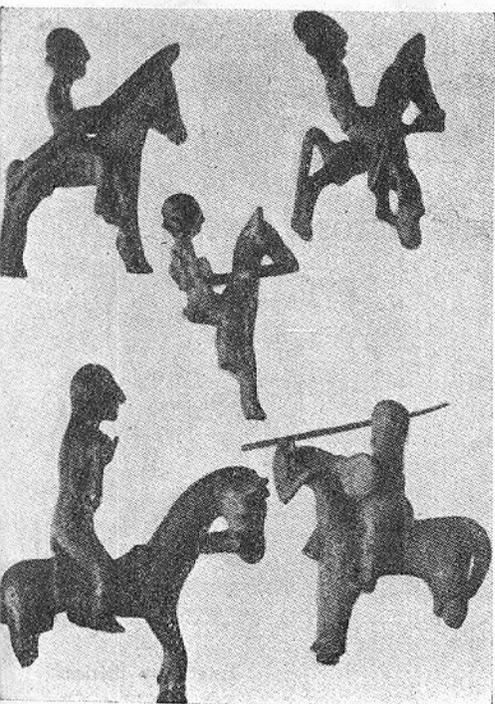
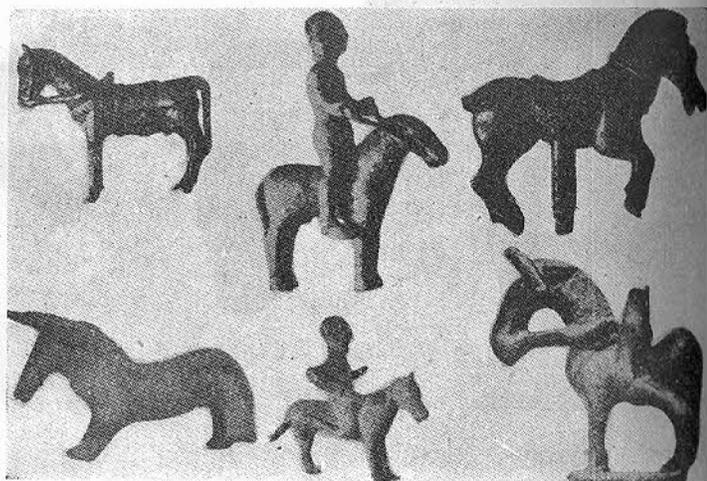
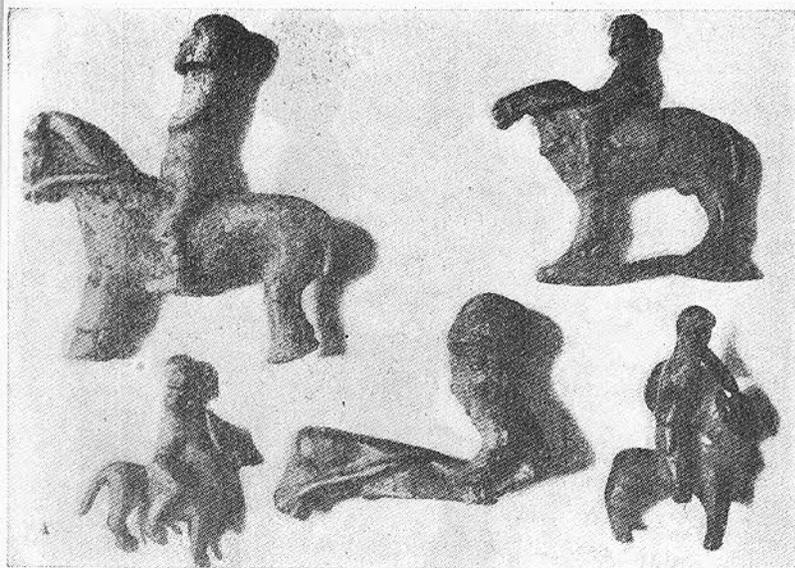


PERFIS RECTOS E CÔNCAVOS

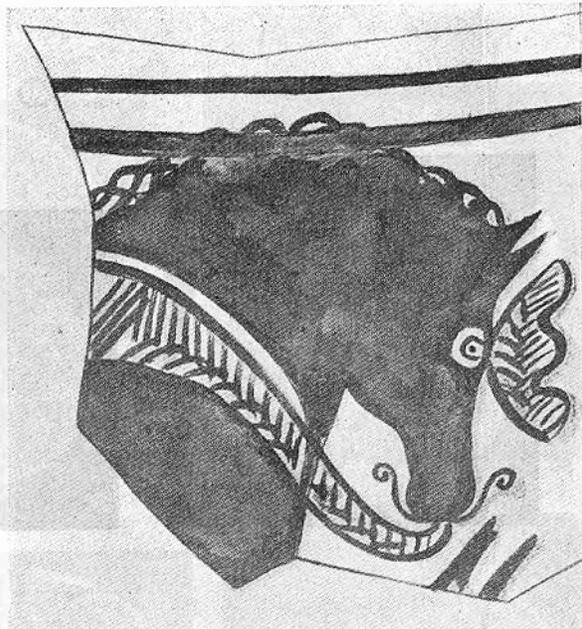


PERFIS CONVEXOS

Estatuetas ibéricas
Séc. V-IV-III a. Ch.



PERFIS CONVEXOS, RECTOS E CÔNCAVOS



Vaso de Archena



PERFIS CONVEXOS, RECTOS E CÔNCAVOS

Vasos ibéricos
Séc. IV-III a. Ch.



PERFIS RECTOS



La Moneda Iberica, por Vives y Escudero

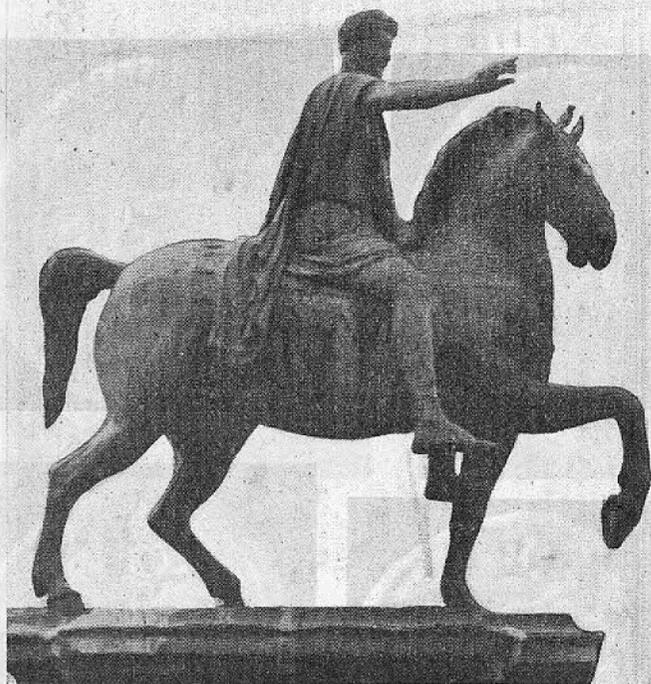
PERFIS RECTOS



La Moneda Iberica, por Vives y Escudero

PERFIS CONVEXOS

Moedas ibéricas
Séc. III a. Ch. a Séc. II p. Ch.



*Estátua do Imperador Marco Aurélio
Capitólio — Roma (Séc. III)*



*Armas de Évora — Catedral
(Séc. XIII ou XIV)*

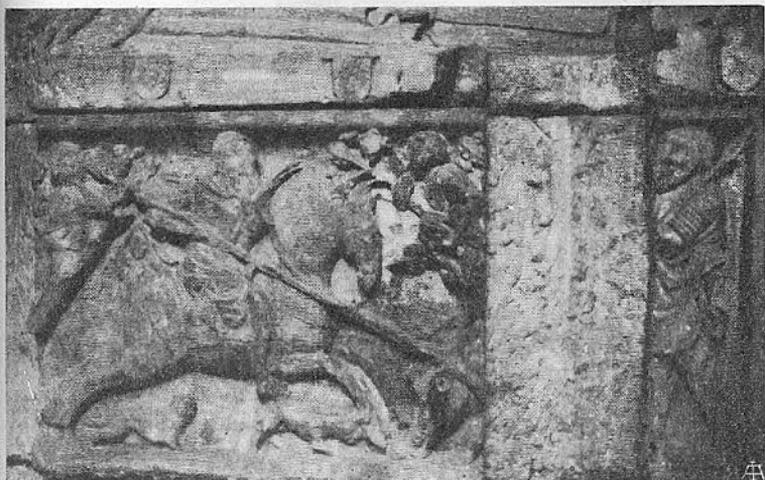


Apocalipse de Lorvão (Séc. XI e XII)

PERFIS CONVEXOS NA ÉPOCA ROMANA E ALTA IDADE MÉDIA



Pinturas mouras da Alhambra — Granada (Séc. XIII a XIV)



Túmulo de D. Fernão Sanches. Museu do Carmo — Lisboa (Séc. XIV)



*Confraria de Santiago de la Fuente
(Séc. XIV y XV). Índice de bibliografía.
Marqués de Torrecilla*





Conquista de Tunes

(Tapeçarias do Palácio Real de Madrid — Séc. XVI)



O Duque de Alba na Conquista de Tunes

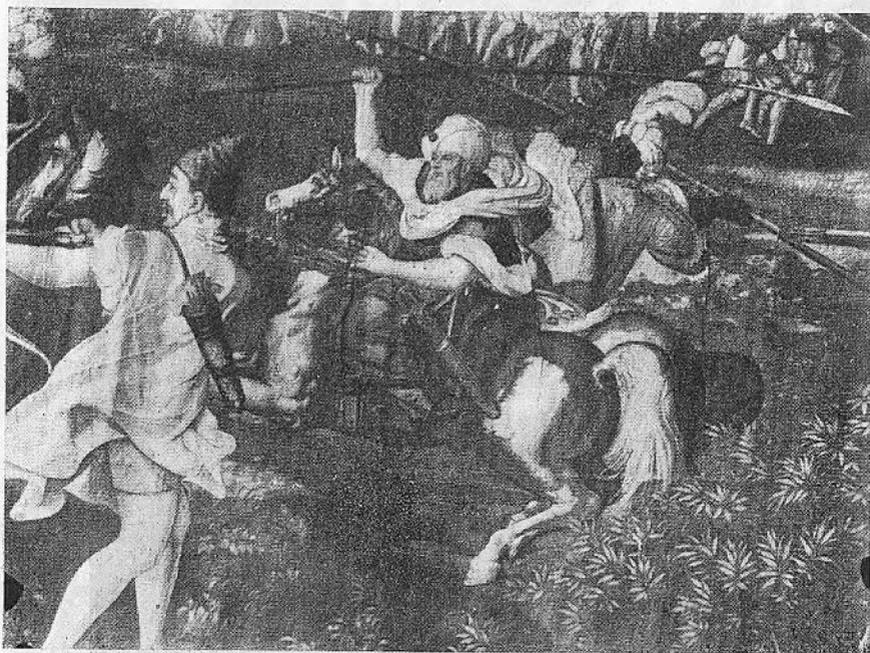
(Tapeçarias do Palácio Real de Madrid — Séc. XVI)

CAVALOS DOS ESPANHOIS — PERFIL CONVEXO
CAVALOS DOS ESPANHOIS — PERFIL CONVEXO



Conquista de Tunes

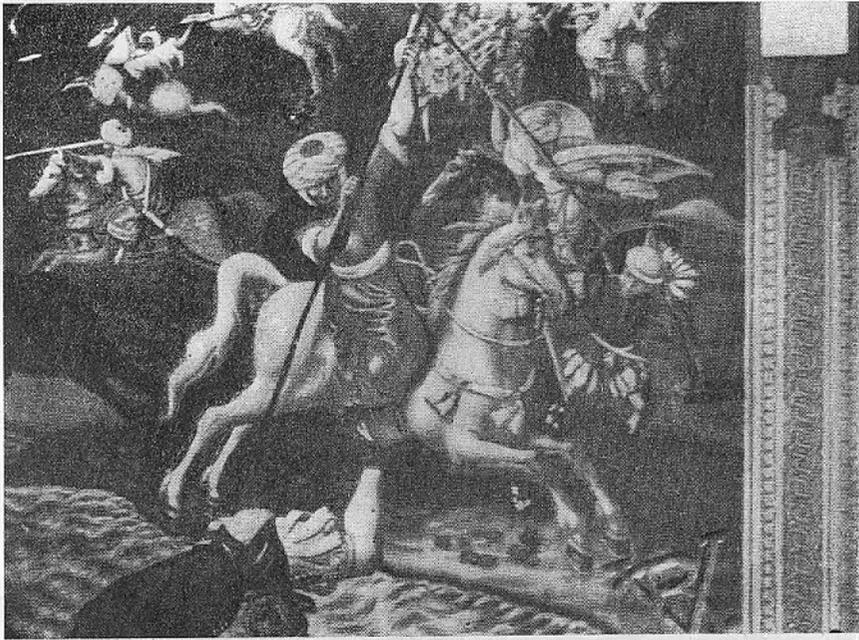
(Tapeçarias do Palácio Real de Madrid — Séc. XVI)



Conquisia de Tunes

(Tapeçarias do Palácio Real de Madrid — Séc. XVI)

CAVALOS DOS MOUROS — PERFIL RECTO



Conquista de Tunes

(Tapeçarias do Palácio Real de Madrid — Séc. XVI)

CAVALOS DOS MOUROS — PERFIL RECTO



Conquista de Tunes

(Pinturas do Escorial — Séc. XVII)

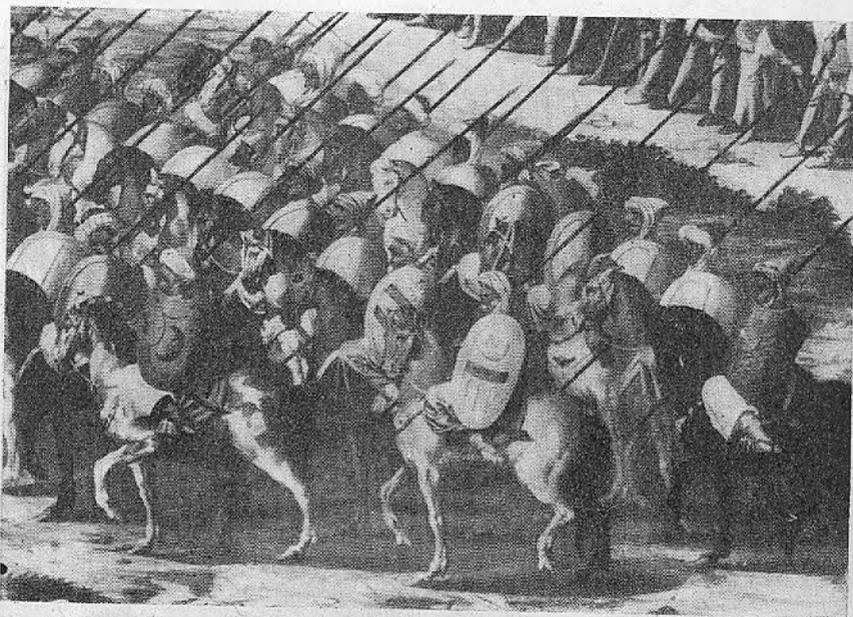
CAVALOS DE PERFIL CONVEXO



Conquista do Tâmes

(Tâmes, no Tâmes, no Tâmes — Séc. XVI)

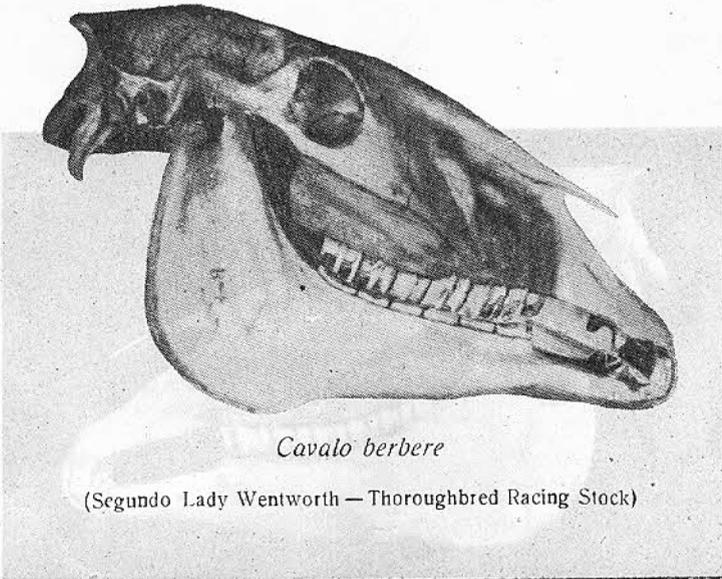
CAVALOS DOS MOUROS — PERFIL RECTO



(Pinturas do Escorial — Séc. XVII)

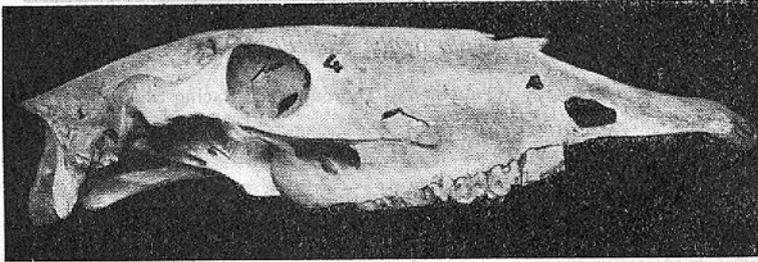
CAVALOS DE PERFIL CONVEXO

CAVALOS DE PERFIL CONVEXO

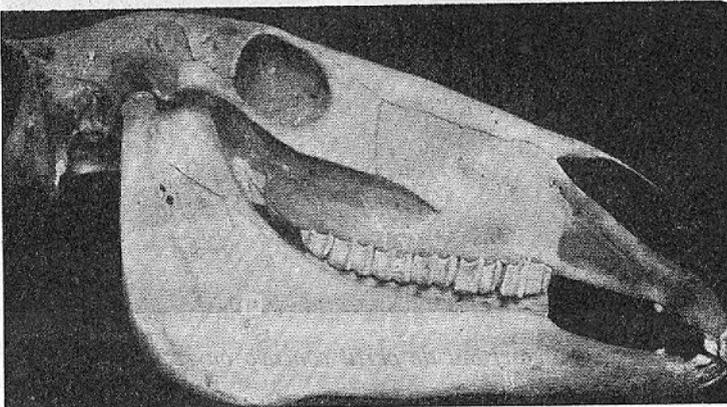


Cavalo berbere

(Segundo Lady Wentworth — Thoroughbred Racing Stock)

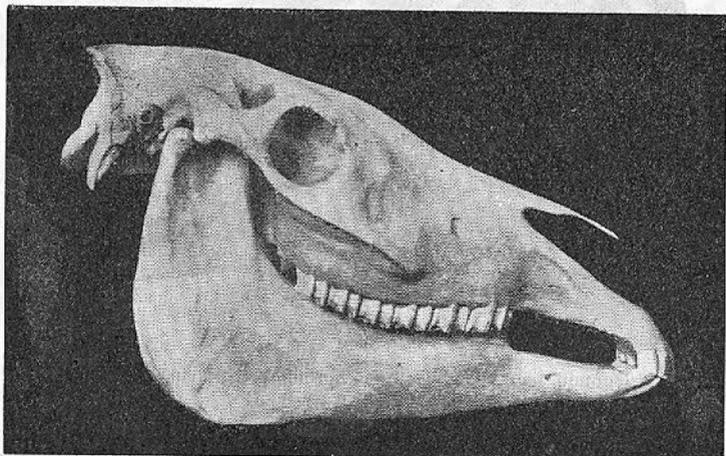


Égua andaluza



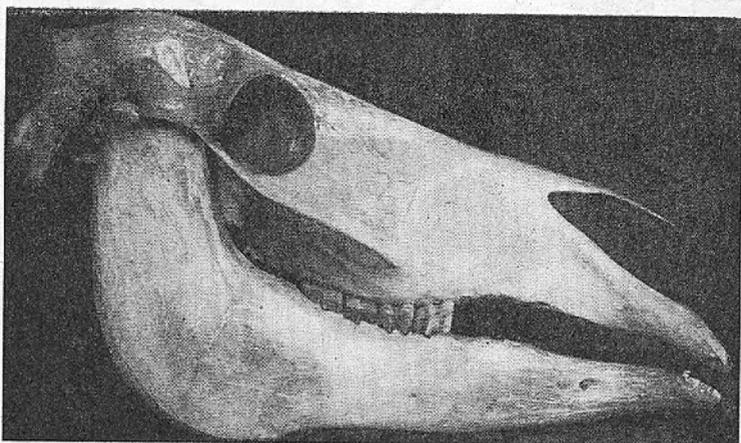
Cavalo andaluz da coudelaria Bohorquez

PERFIS CONVEXOS DE BERBERE E ESPANHOL



Cavalo árabe Koheilan

(Segundo Lady Wentworth — Thoroughbred Racing Stock)



Ègua garrana de perfil côncavo ou recto

PERFIS RECTOS E CÔNCAVOS DE ÁRABE E GARRANO

PERFIS CÔNCAVOS DE ARRABE E ESPANHOL